

g a z e t a SAGRADO

ABRIL-AGOSTO/2023



GAZETA
SAGRADO

MACROCOSMO

EDITORIAL

Ao público.

Empenhado em desenvolver uma compreensão de um modo d'existência em que imperasse a total renúncia à dor, Epicuro acreditou primordial compor uma cosmologia indefectível. Assim, ávido leitor de Demócrito, aprimorou ao seu desígnio a “matéria-mor” – o *átomo*, e o arcabouço de todo o viver passou, então, a obedecer ao dogma comportamental de tudo que existe no universo. Ao contrário do pré-socrático, entretanto, Epicuro não era um investigador tão inquieto dos fenômenos naturais (como todo bom cientista), mas, sim, um admirador da grandiosidade das composições: gotas d'água, folhas, pessoas, árvores, casebres, bigas platônicas e até mesmo a Academia, todos eles enormes compostos de milhares de átomos em movimento. Nesta edição, Leitor, somos epicuristas.

Não por almejarmos expor o único caminho à felicidade imperturbável ou por confabularmos acerca da física que envolve os prótons e nêutrons atômicos nem mesmo por gostarmos particularmente de filosofar nos jardins de Atenas. Somos epicuristas por não nos enfadarmos no entendimento do mínimo, do detalhe ínfimo, diminuto, quase imperceptível; ao invés, somos epicuristas por tentarmos entender aquilo que é um conglomerado dessas mínimas partes, imenso, radiante, monumental, indiscutivelmente notório no horizonte. Como ele, não queremos meticulosamente definir o desequilíbrio no núcleo do urânio, mas compreender a explosão da bomba atômica; não estamos centrados no *chiaroscuro* peculiar da técnica de Da Vinci, mas, sim, na figura célebre da Mona Lisa.

Aqui, nesta Gazeta, Leitor, escrutamos o abrangente, plural, gigante, famoso, proeminente, superlativo. E – com nosso jornalismo, fotojornalismo e lirismo multiforme – afirmamos: este é nosso mundo, e estas suas facetas mais notáveis que re-interpretamos, re-afirmamos, re-conhecemos.

Ao conceituarmos “macrocosmo”, aproximamo-nos decerto da abertura daquele último livro de Friedrich Nietzsche: *jeder “Fall” ein Glücksfall* – todo caso um acaso feliz. Na escolha dos temas a serem abordados, nada nos foi vetado a não ser o microscópico, nada nos foi negado a não ser o mínimo: nesta primeira edição do Gazeta Sagrado, que se torna pública nos fins do inverno, convidamos a vós, Leitor, a descobrir mais uma vez aquilo que já se conhece, a permitir que nosso olhar (jovem, questionador, pujante) guie o vosso por meio de assuntos famosos, polêmicos, já discutidos várias e várias vezes – e mais uma vez, por estes artistas-observadores do mundo. “Macrocosmo” é, para nós, nesta fração do espaço-tempo em que vivemos, discernir e anunciar o que há, de novo. Com estes textos e imagens, dizemos a vós: bem-vindo, talvez novamente, ao vosso próprio mundo.

COLABORAÇÕES

Nathália A. B. Pardaul
Editora-chefe

Maria Victória Magalhães
Diagramadora

Mariana C. L. C. Menezes
Redatora

Ana Katherine Soeiro
Redatora (e Poetisa)

Agatha Arentz
Fotógrafa

Maria Luiza Costa
Ilustradora e Redatora

Sofia Fernandes Lima
Redatora

Henrique Ramirez
Fotógrafo

Vitória Almeida Bastos
Repórter

Sophia Freitas
Ilustradora

Sofia Alves
Colunista

Sophia Barbalho
Escritora Literária

Tamiles Oliveira Moraes
Escritora Literária

Paula Angelim
Repórter

Luisa Sakamoto
Redatora

Luciana Lopes
Resenhista

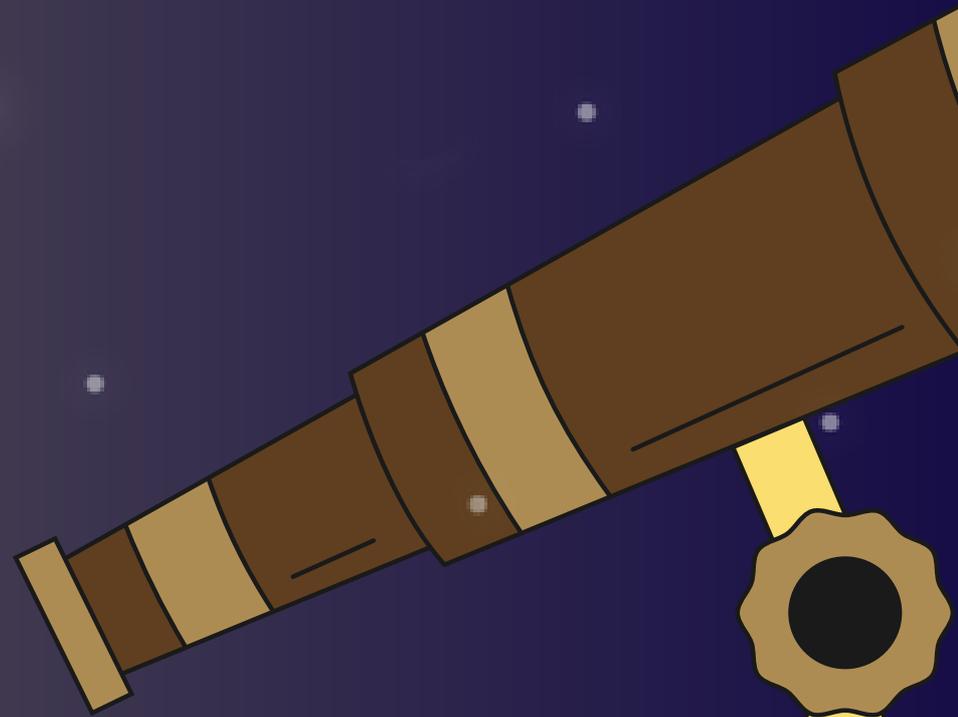
Luís Fernando Neves
Colunista

Prof.^a Brenda Valadão

TUDO O QUE VOCÊ
TUDO O QUE VOCÊ
SENTE, E TUDO O
VOCÊ ODEIA, TUDO
TUDO O QUE VOCÊ
DÁ, TUDO COM QU
COMPRA, IMPLO
QUE VOCÊ
TUDO O QUE
TUDO O QU
ENCONTRA, TUDO O
COM QUEM VOCÊ
E TUDO QUE SE FOI,
SOB O SOL ESTÁ EM
COBERTO PELA LUA.

TOCA, TUDO O QUE VOCÊ VÊ,
EXPERIMENTA, TUDO O QUE
QUE VOCÊ AMA, TUDO O QUE
DE QUE VOCÊ DESCONFIA,
SALVA, E TUDO O QUE VOCÊ
VOCÊ LIDA, TUDO O QUE VOCÊ
PRESTA OU ROUBA, TUDO O
VOCÊ DESTRÓI,
TUDO O QUE
E TODOS QUE
QUE VOCÊ DESPREZA, TODOS
BRIGA, E TUDO QUE É AGORA,
E TUDO O QUE VIRÁ, E TUDO
SINTONIA, MAS O SOL ESTÁ

[PINK FLOYD "ECLIPSE"]





te.les.có.pi:o **Instrumento óptico para a observação de objetos longínquos.**

(FERREIRA, 2010).

O telescópio é, indubitavelmente, o mais importante mecanismo de investigação na astronomia. Ele permite reunir e analisar radiação emitida por corpos celestes, até aqueles nos confins do universo. Galileu revolucionou a astronomia ao utilizar o telescópio no estudo de corpos extraterrestres no início do século XVII. Até então, instrumentos de ampliação nunca haviam sido usados com esse propósito. Desde o pioneirismo de Galileu, têm sido desenvolvidos telescópios ópticos cada vez mais poderosos, assim como uma miríade de outros instrumentos capazes de detectar e mensurar radiação em todas as regiões do espectro eletromagnético.

(Encyclopaedia Britannica, livre tradução)

QUEM ESTÁ ATRÁS DO ESPELHO?

A pele absorve. Desde lágrimas até camadas mais superficiais de maquiagem aplicadas sobre as maçãs do rosto para dar um aspecto mais fino aos traços, a pele porosa do nariz, escondendo possíveis marcas na ponte ou espinhas; os lábios para ficarem mais volumosos e contornados; as pálpebras, coloridas com tanta minuciosidade ou sua falta, que sem querer expressam tanto quanto a dilatação de um par de pupilas.

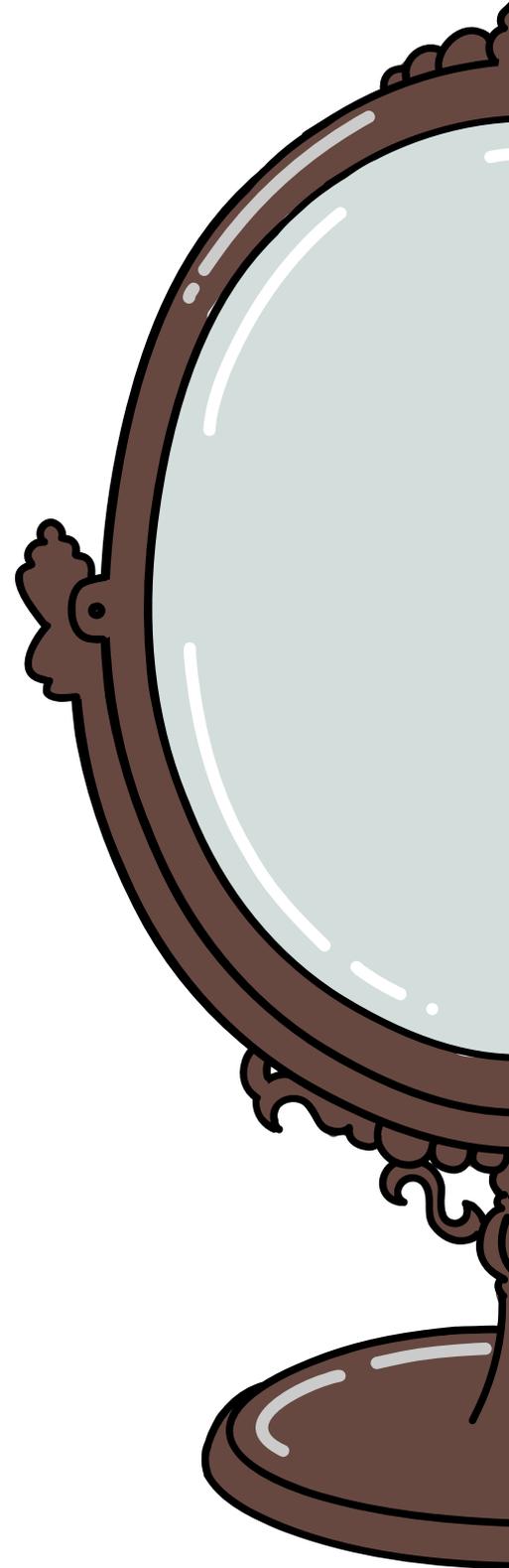
A pele expele. Em forma de pus ou sangue, em consequência do excesso de maquiagem absorvida ou das impurezas que involuntariamente a garganta engole em seco em situações desconfortáveis, quando o peito parece ser esmagado, a boca, seca, os pulmões cansados e a tonalidade da pele alguns tons mais claros que a base que se usa.

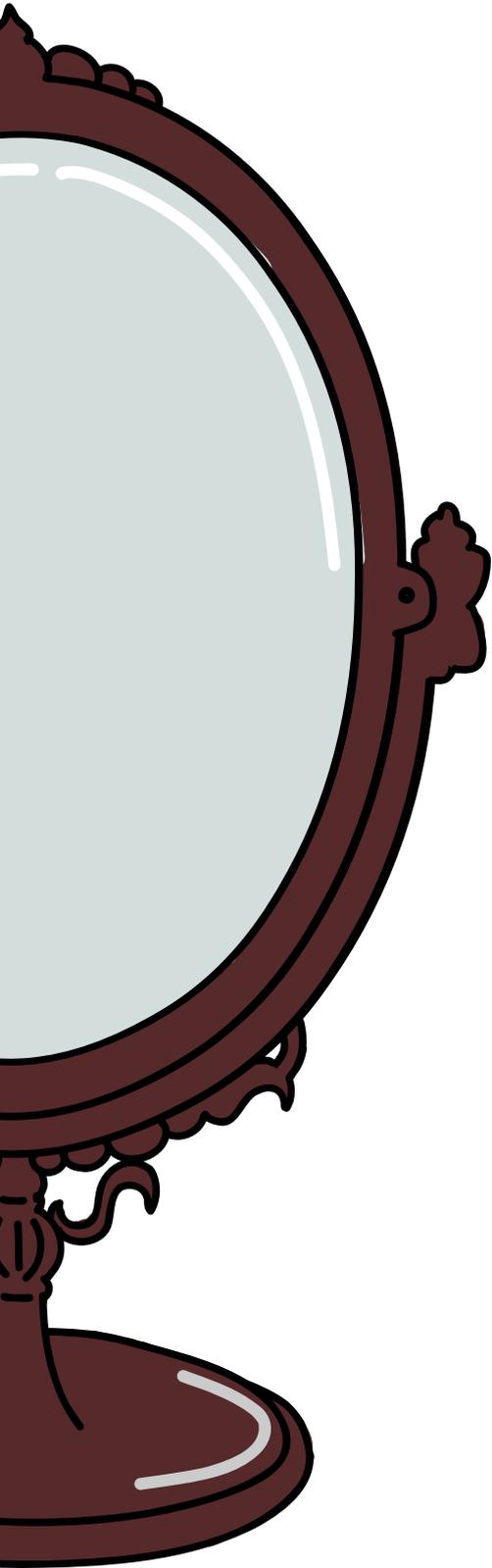
Ainda assim, o mercado da beleza é um dos mais rentáveis, incentivando, em sua maioria, a uniformidade de peles e de sombras - tanto a que brilha nas pálpebras quanto a que acompanha cada alma.

Com quem quer se parecer?

Quem é a pessoa que veste a carne com tanta ousadia para incessantemente pintá-la como a perfeição que não existe por dentro?

Se guardada com inadequação, a maquiagem estraga, o valor monetário dos produtos é perdido, entretanto seu valor simbólico permanece o mesmo: a garantia de uma satisfação momentânea, de tornar a carne uma





roupa mais confortável de se vestir e menos vergonhosa de apresentar ao mundo. Para, ao final de tudo, ser esfregada e praticamente arrancada dos poros já entupidos por anos de aplicações.

Não há problema em ressaltar com produtos o que amadureceu e hoje compõe as características físicas de um indivíduo, entretanto, seu mau uso pode acarretar uma dependência profunda e singularmente subjetiva a respeito do que se considera bonito e do reconhecimento próprio.

No espelho, há o reflexo de um desconhecido, mais outro com a pele sufocada de produtos feitos à base de superficialidade.

E não é do interesse das grandes marcas que a satisfação do indivíduo seja priorizada, e sim o aproveitamento de suas maiores vulnerabilidades, que, com o auxílio dos produtos, podem ser minimizadas e anestesiadas ao ponto de milhares pagarem preços diferentes para obter diferentes doses do mesmo paliativo; e quanto maior a dosagem, maior é o desprezo pela carne que se veste e os sentimentos que a ela pertencem.

Então, vale a pena?

por ANA KATHERINE SOEIRO e fotografia por AGATHA ARENTZ

MARASMO APÁTICO

Querido Marasmo,
sua frequente visita
já encheu minha vida vazia
mas "sinto" em te informar:
não quero mais te abrigar
até coloquei a vassoura atrás da porta
só quero vê-lo indo embora.



Odiado Marasmo,
tu arrancaste meu entusiasmo;
a felicidade foi trocada por uma apatia
rouca;
a animação ficou pouca;
essa "paz" enfadonha me irrita;
e em exilar essa sensação não sou
perita.

Senhor Marasmo Apático,
preciso me ver crescer,
quero envelhecer,
então, por favor, me deixe voltar a
viver.





CULTURA DO ÓDIO: UMA BREVE ANÁLISE

A modernidade – determinada frequentemente pelas ciências sociais como infundável correlação de termos que apontam, especialmente quando a ela se adiciona o prefixo “pós”, uma já transcendência às ideias em sua imanência –, é o culminar do processo meticuloso, e entranhado ao modo de produção vigente neste século, de liquefação das estruturas e relações que engendram a própria noção de cultura e sociedade. Nada, porém, pode surpreender o observador atento, visto que a face do mundo contemporâneo, descrita pelo desmantelamento de uma solidez que determinava o modo de funcionamento e pensamento sociais, é pouco além, como prescreveu o jovem Karl Marx em seu inefável *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*, da herança, tanto maravilhosa quanto horrorosa, que a vida dentro do capital permitiu às gerações predecessoras nos legar, e, exatamente como a elas se deu, as condições atuais da vivência capitalista nos obrigarão a imputar a dificuldade e a beleza destes tempos àqueles que nos sucederão.

Dentre o espólio que os séculos deixaram à contemporaneidade, é claríssima no horizonte da análise a padronização da experiência social, imposta pela globalização, que acarreta um aspecto comum a todas as nações humanas, cada uma afetada por suas vicissitudes em um determinado grau. Assim forjadas similarmente, o conjunto de valores subjetivos e de conduta pessoal que regem os Estados do mundo tornam-se frequentemente os mesmos, promovendo o despontar de situações críticas concomitantes e de mesmo teor. Uma dessas circunstâncias, que decerto participa da definição da paisagem do atual século, é o *ódio*, já compreendido em sua potência política há muito – evidente, particularmente, em suas articulações como ódio de classe, mobilizado como força revolucionária –, mas salientado como *modus operandi* de uma nova socialização a partir do estabelecimento de uma era fundamentada na violência e, conseqüentemente, no medo. Acom-

panhando-o, quando não o possibilitando como coisa em si, é a liquefação¹ das estruturas que permeiam o coletivo, em que se tem um imperativo de incerteza tanto nas instituições de poder, quanto na existência *per se* de um estatuto de verdade aos modelos aristotélicos, e que é agravada na individualização irrevogável que o modelo de produção capitalista exige ao indivíduo moderno. Premente, diante desse cenário, é o estudo do desenvolvimento dessa, às vezes, sutil, mas sempre incontornável, hegemonia do ódio.

A história da civilização ocidental fora em essência impactada a partir da conversão de Constantino ao cristianismo, a qual incitou uma reconsideração de todos os valores romanos e pagãos às concepções cristãs, que tomaram poder impenetrável no período histórico feudal em que resultou a queda do Império Romano. Desse modo, passou a reinar aquele cânone de ensinamentos, impelindo o sujeito a, primordialmente, *amar* o próximo, o que instaurou o amor como regimento das relações inter-humanas, ordem essa – jamais nefasta, mesmo que um tanto idealista – a ser mantida em sintonia com uma multiplicidade de outros preceitos morais como aqueles definidos nos Mandamentos. Em verdade, parte das dez normas (como a quinta, a sétima e a oitava) transcendeu o subjetivo e passou a compor as noções legais do Ocidente, instaurando comportamentos benéficos à manutenção dos grupos humanos. Apesar disso, o fragmento puramente subjetivo dessas leis e de convenções espirituais outras inibem, aos olhos de renomados pensadores como Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud², a liberdade plena (definida por alguns como “libertinagem”, talvez por pouco entendê-la) de uma humanidade anterior à ética platônica e cristã. Em verdade, para que o homem viva circunscrito na sociedade do medievo, assim como em outros modelos de produção pautados num mútuo contrato entre os indivíduos e entre estes e o Estado, é preciso que haja uma medida determinada – pautada em uma moral religiosa ou filosófica, e assim transposta ao regimento das leis – das ações de cada um, a fim de promover um equilíbrio entre as liberdades várias e, desse modo, constituir uma *civilização*.

Civilização é a soma de produções que diferenciam o homem dos animais, e que serve a dois fins: proteger o homem da natureza e regular suas recíprocas relações sociais. Para isso, o homem teve que passar do poder de uma só vontade tirânica ao poder de todos, ao poder da comunidade, isto é, todos tiveram que sacrificar algo de seus impulsos instintivos: a civilização os restringiu. (SUSIN & FLEITAS, 2016)

A proposta restrição que a moralidade impõe ao sujeito – transfigurada como elemento psíquico no *Superego*, perpetuando a repreensão dentro da própria consciência individual –, fá-lo já propício ao ódio contra seu cerceamento, na frustração de sua liberdade total e instintiva, assim como na reprimenda constante que o aparato social e psicológico o reforça. Entretanto, a repulsa irada não é somente fruto da castração social frente à impulsividade (expressa em áreas diversas) natural ao ser humano, mas é imprescindível quando, externado nas “pequenas coisas” (nas distinções/negações primordiais e de ordem mais “simples”), leva ao narcisismo base para o encontro da individualidade (FREUD *apud* HOMEM, 2020). Curiosamente, na perspectiva psicanalítica freudiana, é através do ódio que se tem a diferença entre o que seja “eu” e o “outro”: negando-o, distancia-se do que ele representa para conceituar o ego como independente e existente na sua distinção do “não-eu”. O mandamento do amor ao próximo, dessa forma, mostra-se talvez contraditório ao livre identificar-se inato à constituição pessoal, dependente de um antagonismo repellido pela conduta religiosa dominante. Em outras palavras, se é preciso odiar o outro para que o eu exista, como amá-lo, na possibilidade de se perder?

Tal era a imposição do afeto que, no candente início de uma “era das revoluções”, as sociedades europeias, nas expressões mais proeminentes de seu pensamento, foi amainado ao defender-se uma destilação da amálgama entre poder político e Igreja. Alcançada a separação, enfim, na laicização dos Estados modernos – que se deu de fato na subversão do ideal cristão do labor explorador em trabalho que dignifica³ (na subversão da moral transcendental em ideologia do capital, na inversão da cultura em cultura do capital) – e, com maior ênfase, na contemporaneidade, que requer somente uma filiação à fé, e não mais à

disciplina da conduta crente, existe uma libertação à pluralidade dos sentimentos humanos. Destarte, ao homem se torna tangível o afeto odioso, a repulsa, a raiva que antes não poderiam ser pronunciados. Todavia, livre para sentir, não mais se sente obrigado a seguir noções fundamentais de decoro respeitoso entre os indivíduos, antes arregimentados pelo convívio religioso, o que começa a impactar com ferocidade o contrato harmonioso social. Essa orfandade dos “bons modos”, em sua apreensão mais básica como comunicação e não-agressão, foi tomando força e se mantendo ao longo dos séculos, e encontrou (se o Leitor me permite um lapso temporal atemorizante) fertilidade incomparável em outro pilar do vigésimo primeiro: a rede social promulgada pela Internet – que nada mais reproduz do que o próprio egocentrismo individualista da modernidade líquida que define estes tempos.

Sistemas elaborados a partir de uma premissa democratizadora, as plataformas digitais sociais nasceram para a conexão de pessoas, informações, produtos, em que cada usuário haveria de estar em igualdade em relação ao outro, todos capazes de se expressar e permear os meios que lhes fossem mais aprazíveis. Sumo-pontífice do que o processo de globalização poderia transformar-se, a condensação de enciclopédias, jornais, fóruns e grupos de todo tipo trouxe ao cosmo da Internet, calcada em um sistema binário altamente inteligente e ágil, uma posição inigualavelmente mordaz no jogo da humanidade.

Frente a esse contexto, é inquestionável ressaltar, entre outras facetas, que o digital impõe ao mundo humano o seu reconhecido imediatismo frente ao conhecimento, desconhecido até então pela prática comum da produção intelectual, esta desenrolada a partir da estrutura lógica proposta pela filosofia clássica e aprimorada na ilustração de Descartes e na genialidade kantiana. Ora, tese e antítese, tanto no silogismo de Aristóteles quanto na dialética hegeliana, são pautadas na racionalidade da espécie *Homo sapiens sapiens*, que tem por natureza a meticulosidade paulatina, a crítica consciente e pormenorizada, a historicização minuciosa; unicamente nesse sentido é que o debate dialógico e democrático pode acontecer, em uma assídua argumentação que não se permite ao ilógico ou à falácia. Contudo, no domínio da *world wide web*, o fôlego que promove a constante rapidez

do que se quer conhecer ou consumir inibe o tempo da contra-argumentação, da reflexão apurada; ao invés, tem-se incessante reafirmação do *valor* tido por alguns como verdadeiro.

Tal é o cerne do que o termo *pós-verdade* tem representado na última década: frente à liquidez das relações inter-humanas e da metodologia que media a produção do saber “verdadeiro”, perde-se o estatuto da verdade, una e sólida, alcançada pela razão, ciência e lógica – tríade que se baseia primordialmente em uma criteriosidade rigorosa e método assertivo. Esfacelada a verdade, a realidade passa a ser regida pela ideia particular transmutada em *tautologia* e, como tal, não permite o questionamento, imperando somente.

A ótica nacional da pós-verdade dissemina-se pelos media eletrônicos como ideologia revisionista que nega qualquer princípio de verdade dissidente, discordando visceralmente do seu campo de visão distinta, muitas vezes sem qualquer fundamentação crítica, incorporando discursos afetos somente aos olhos de um determinado indivíduo ou grupo social com posturas idênticas. Nesse aspecto, o ponto de vista passa a figurar como verdade em absoluto, e a verdade torna-se somente a vontade triunfal de indivíduos com ideias inteiramente convergentes. (QUADROS, 2018)

Dessa forma, a sociedade tautológica recusa-se à crítica, e opera na dogmática certeza impenetrável dos valores, opiniões, ideais (não necessariamente de arcabouço verídico) *percebidos* como reais por um grupo determinado de pessoas. Conseqüentemente, há a repetição do impedimento da liberdade individual, porém com roupagem libertadora, uma vez que, na segregação entre círculos manipulados e enjaulados pela doutrinação de um conhecimento alienante – o que é enfatizado pela estrutura algorítmica das plataformas da Big Tech, que unem usuários de interesses e hábitos de consumo semelhantes em “bolhas” –, é inevitável a distinção entre um polo de identificação “Nós” (que geralmente sofre algum tipo de dano irreal, a partir de uma problematização fantasiosa, como uma “ameaça revolucionária”) e outro polo destinado à nossa renúncia, ao nosso nojo, ao nosso repúdio e ao extermínio a nós responsável, “*Contra nós*”.

Em terras brasileiras, o maior expoente contemporâneo da denomi-

nada “retórica do ódio” é o olavismo, movimento extremo-direitista gerado através da obra do escritor Olavo de Carvalho e respaldado principalmente no mandamento da eliminação, frequentemente literal, do outro, compreendido como inimigo. Essa determinação ocorre por meio do analfabetismo ideológico (em que a razão torna-se exclusivamente retórica, e, portanto, pobre em qualidade argumentativa), que contorce o racional a fim da criação de antagonistas irrevogavelmente inalteráveis (considerados “idiotas” por proporem opinião diversa, contra a qual os “seguidores” de Carvalho retrucam majoritariamente com a falácia *ad hominem*), impossibilitando qualquer surgimento de uma troca de argumentos e ideias que, em essência, fundam o ideal democrático desde os gregos antigos. Para além disso, o ódio incomensurável ao outro, em que se baseia não só o grupo de Olavo, mas também aqueles nazifascistas – o lema “*Mussolini ha sempre ragione*”, retumbante nos monumentos do fascismo italiano, ilustram o funcionamento da retórica odiosa ao estipular um ser todo sábio confrontado por um Outro inferior, incapaz e estúpido –, é um afeto facilmente instaurado no indivíduo a partir da manipulação deste por alguém que almeja alcançar um objetivo preciso. Essa, em sua maioria, especialmente em períodos de crise do capital como o enfrentado na segunda década do vigésimo século, não raro é uma tentativa desesperada do sistema em se autopreservar: ao manufaturar o ódio (disseminando ou permitindo a disseminação de ideários como o olavismo, facilmente instaurados no maquinário da indústria das redes sociais) na população, acontece a constante criação de falsos oponentes a serem dizimados com urgência. Desse modo, é estipulado um exército de pessoas induzidas por fantasmas, as quais contra estes lutam fervorosamente, e empunhando, propagando, afirmando mais uma vez os valores da velha sociedade capitalista; é uma força bruta, no pensamento e na ação, completamente reacionária, alienada, iludida. Ademais, a ira engendra uma perspectiva de falência total até mesmo do princípio de tecido social, visto que a sociedade, segregada em ajuntamentos rivais, pode funcionar apenas sob a prática da violência, da autofagia violenta da diversidade que massacra a alteridade (que foi arcabouço para a constituição da humanidade em si). Não deve ser surpreendente ao leitor atento que uma massa convencida a crer irrevogavelmente em um singular discernimento, valor ou método e dis-

posta ao sacrifício pessoal perante a causa, tenha sido perfeita a Hitler, Salazar, Franco.

O fascismo adorou o método [da pós-verdade], melhorou, fez uso, e deixou escola. (RIBEIRO *apud* QUADROS, 2017)

Verdadeiramente, a supracitada falência do conceito de sociedade já despontava como provável desencadeamento a partir da conceituação do mundo moderno como alicerçado no Eu. Ora, o que é mais aparente no estilo de vida capitalista do que a preocupação irrecusável consigo mesmo? A maneira de compreender os processos da materialidade, antigamente voltada a uma perspectiva clássica (de um conglomerado de individualidades sob análise que formam um sistema unificado e, assim, forte), é esvaziada a uma noção microcós mica da experiência: não em conjunto, nem em pluralidade de pesquisa e discussão, mas singularmente, na solidão de seu ego. Como consequência dessa ipseidade exacerbada, até mesmo a capacidade de estudo e crítica dos grupos humanos, compostos na influência de estruturas econômicas e subjetivas próprias, é deteriorada quase que completamente, e, em seu lugar, impera a praticidade cômoda de um “moralismo binário e conservador”.

O qual transforma, por meio de certo maniqueísmo sórdido, a divisão entre sujeitos cotidianos e históricos, destinados a habitar dois mundos limítrofes e atrofiados pela percepção da pós-verdade: o grupo de “gente do bem” versus “gente do mal”. O que, em outras palavras, serve para tornar o mundo um campo de tensão psicopatológica, levando novamente a recairmos num universo paralelo e doentio do dissimulacro em questão: fértil para condensar a intolerância e o ódio, freneticamente enraizados, sem qualquer trégua ou rancor. (QUADROS, 2018)

Incapazes de compreender ou almejar a mínima compreensão dos outros homens e mulheres que compõem a sociedade, o indivíduo percebe a violência não como fenômeno nascido da desigualdade miserável que assola os povos sob a economia de acumulação infinita, mas, sim, como uma bestialidade imanente a certos cidadãos, que devem ser excluídos do convívio, dos seus direitos, da própria vida. Entretanto, o descrito movimento só poderia se manifestar, mesmo

tendo raízes na individualidade, frente o expreso interesse do Estado – do interesse particular de quem o controla – em impor um estilo de vida centrado no conflito entre os próprios constituintes da nação, batalha em que a própria sociedade exclui, alveja, elimina, desequilibra a si mesma. Assim, são uns contra os outros, em um contexto de apodrecimento total do conceito de alteridade ou coletividade; são todos inimigos em potencial, incapacitando a formação de laços de confiança, afeto e reconhecimento mútuo. Uma vez sendo meta das instituições governamentais, a mídia toma a frente da propagação do medo, como fora brilhantemente reproduzido nos Estados Unidos da América durante o governo de George W. Bush⁴. Este, em sua “guerra ao terror” iniciada na reação ao ataque do 11 de Setembro, instaurou de modo definitivo a incompatibilidade social dos cidadãos ianques, enclausurados na solidão pessoal desconfiada e desarmônica, que resultou no fortalecimento da confiança populacional nos órgãos repressivos do Estado (e.g. a polícia militar) e no armamento pessoal, expoente notório da cultura do ódio que consome as comunidades humanas, já que pressupõe armar-se contra um *igual* devido à determinação deste como *potencial inimigo*. No Brasil, os programas televisivos não tardaram em copiar a tática estadunidense de superexposição da violência (e do triunfo policial na instauração da ordem igualmente violenta e mortífera) que, somado (1) ao agravamento da crise social e econômica, (2) ao crescimento do reacionarismo odioso e exterminador de ideologias como o nazismo e o olavismo, mas também (3) ao conservadorismo e ao ultra-direitismo em toda sua robustez e diversidade morfológica, resultou em movimento de massas diversos []. Ao analisar [um desses agrupamentos políticos]⁵, é inquestionável a sua fundamentação na militarização, na doutrinação ideológica a partir do empobrecimento intelectual da pluralidade de pensamento e crítica assídua (especialmente proporcionado pela velocidade da informação na comunicação digital), no individualismo moralista, armamento pessoal e, acima de tudo, no ódio reacionário, pulsante e destruidor direcionado ao outro.

Todas as problemáticas brevemente analisadas no corpo deste ensaio, todas elas manifestações da modernidade líquida, da inverossimilhança da verdade, da “tautologização” do conhecimento, da decadência da ra-

zão e da prevalência de uma moral castradora e odiosa, são o que mantém e origina a cultura do ódio, sentimento este puramente faturado artificialmente e no intuito de ser artifício alienante, jamais transposto à força radical de mudança da realidade. Ademais, esse tão discutido protocolo da ira é contorno dos tempos atuais, e grave ameaça à humanidade no que tange à sua característica primordial (a racionalidade em si) e sua existência como experiência coletiva, no reconhecimento e estranhamento comum à dialética da concepção do homem como fundamentalmente criado na multiplicidade do outro.

De modo ainda mais claro: o ódio como propulsor do convívio social inibe o mútuo entendimento, desmantela a racionalidade sempre questionadora e argumentativa por natureza, promove a prisão do sujeito dentro de si mesmo e de suas verdades ilógicas, define a verdade como indubitável e centrada na opinião de uns ou outros, permite que o desprezo ao outro faça com que grupos queiram a punição e a eliminação de participantes do próprio grupo, impedem o fortalecimento do tecido social em si. Em suma, a cultura do ódio que tem reinado na maneira de ser, pensar, agir, criar, recriar tem destruído a sociedade, fora da qual os seres humanos jamais puderam ou poderão existir. E o ego cada vez mais ingenuamente contrário à noção de que “é exatamente o tu que o constitui” (FREIRE, 2022), na falta do outro que o permite a essência, começará a se dizimar e ser dizimado também.

E no fim cabal do *nós*, do *tu* e do *eu*, que restará?

¹ Teoria desenvolvida por Zygmunt Bauman, que determina um estado de liquidez nas instituições e relações sociais, advindas do antagonismo moderno com a solidez da sociedade que a precede.

² Desses autores, a *Genealogia da Moral* (1887), de Nietzsche, assim como *O mal-estar na civilização* (1929), de Freud, são obras essenciais na crítica do século XIX ao pensamento cristão, compreendido como restritivo à humanidade livre.

³ Vede *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1904), de Max Weber.

⁴ O diretor Michael Moore, em seu reconhecido documentário *Bowling for Columbine* (2002), discute com mais afinco o desenvolvimento da política de Bush na instauração generalizada do medo na sociedade estadunidense, especialmente utilizado como estrutura fundamental à manutenção das forças armadas ianques durante a guerra sanguinolenta travada no Iraque.

⁵ Trechos omitidos ou reestruturados do original. (N. da editora)

EMPATIA



EMPATIA

"A capacidade psicológica para se identificar com o eu do outro, conseguindo sentir o mesmo que este nas situações e circunstâncias por esse outro vivenciadas. Ato de se colocar no lugar do outro". Essa é a definição de empatia do dicionário Aurélio, mas, para simplificar, podemos dizer que a empatia acontece quando nós nos colocamos no lugar do outro, tentando sentir o que ele sente, a fim de tentar ajudá-lo com o que ele passa, "espelhando-se" na situação do indivíduo.

Esse sentimento é essencial para que haja harmonia e compreensão em uma sociedade. Sabemos que a empatia já é algo muito dito para nós, só que ela, ainda, não conseguiu chegar ao coração de todos. Vemos isso, por exemplo, quando uma situação embaraçosa ou delicada acaba virando motivo de chacota e opressão, no momento em que é presenciada por algumas pessoas. Por outro lado, pensar que tudo é brincadeira ou que o lapso é irreversível é um pleno engano.

Com mais frequência, percebemos que as pessoas ficam mais egoístas e deixam de lado os sentimentos dos outros, esquecendo-se dessa sensibilidade humana que todos nós carregamos. O preconceito e o julgamento, muitas vezes, acabam vindo antes da compaixão e dos pensamentos altruístas. Por esses motivos, é possível ver que a falta de uma emoção, tão importante como a empatia, está se agravando.

O acolhimento e o discernimento, quando nós necessitamos, são o que qualquer um precisa. E não risadas e dedos alheios apontados para si. Então, por que não fazer o bem? Ser capaz de ouvir o que o outro tem a dizer e oferecer apoio a este, pensando muito bem antes de agir, disponibilizando respostas adequadas aos sentimentos dos demais, mostra que você consegue emitir empatia e que você, honestamente, se importa.

LUZ NO FIM DO TÚNEL

RACISMO ESTRUTURAL

O racismo estrutural é o preconceito em sua forma mais silenciosa, um termo que, em seu significado, mostra o quão enraizado o racismo está na nossa sociedade. Esse problema, que, para muitos, aparenta estar resolvido, se faz presente no nosso cotidiano de forma discreta para quem vê e quem pratica. Práticas, falas e hábitos são supostamente inofensivos, são um enorme empecilho para que tenhamos uma igualdade social.



Por mais que a nomenclatura pareça ser “atual”, a ação de humilhar, negligenciar e silenciar o povo negro é muito antiga. Um ato passado, tido como emblemático, que teria sido uma “solução”, seria a Lei Áurea, a abolição da escravidão, mas que, em sua essência, em momento algum, visava acolher os ex-escravizados, uma vez que, se não estivessem trabalhando na casa de seus senhores, não teriam mais onde morar e como sobreviver. E, com essa antiquada herança, a sociedade brasileira se estrutura até os tempos atuais, excluindo e marginalizando tais grupos.

Felizmente, de pouco em pouco, em passinhos bem lentos, o Brasil está evoluindo para que esse tipo de segregação não ocorra mais. Ao longo dos anos, algumas tendências preconceituosas foram deixadas, entretanto o problema ainda não está resolvido. Tendo isso em vista, todos nós devemos lutar contra o racismo para termos um futuro menos hostil e excludente.

[...]

meu corpo de 1,70m que é meu tamanho no mundo

meu corpo feito de água

e cinza

que me faz olhar Andrômeda, Sírius, Mercúrio

e me sentir misturado

a toda essa massa de hidrogênio e hélio

que se desintegra e reintegra

sem se saber pra quê

[...]

Mas sobretudo meu

corpo

nordestino

mais que isso

ferreirense

newtoniense

alziense

meu corpo nascido numa porta-e-janela na Rua dos Prazeres

ao lado de uma padaria

sob o signo de Virgo

sob as balas do 24.º BC

na revolução de 30

e desde então segue pulsando como um relógio

num tic tac que não se ouve

(se não quando se cola o ouvido à altura do meu coração)

tic tac tic tac

enquanto vou entre automóveis e ônibus

entre vitrines de roupas

nas livrarias

nos bares

tic tac tic tac

[...]

ESCOLA EM CONFABULAÇÃO

PROJETO MAKER

por **SOFIA FERNANDES LIMA**

Neste trimestre, o projeto apresentado aos alunos teve uma proposta maker, ou seja, os estudantes precisavam inventar algo inovador com materiais recicláveis. A acessibilidade também foi um ponto importante, pois a principal ideia era ajudar as pessoas que têm algum tipo de limitação.

No momento de apresentação do projeto, os professores Ronan, Maqcilene e Ronara nos mostraram um liquidificador embutido em uma bicicleta; quando alguém pedala, o liquidificador funciona. Quando voltamos para a sala, fomos divididos em quatro ou cinco grupos, e cada um tinha que inventar uma ideia diferente.

Tivemos um dia para montar nossos projetos, e foi um dia de testes também. Algumas ideias deram certo, outras não... O tempo foi curto e corrido, mas todos os grupos conseguiram criar, montar e testar suas criações de modo que desse certo.

No dia da apresentação, os alunos arrumaram seus projetos em stands no multicultural. Todos estavam muito animados e se divertindo bastante. Além do Fundamental II, os alunos do 5º Ano foram convidados a ver e votar nos projetos.

Os resultados da votação foram estes:

MATUTINO	VESPERTINO
6º ANO A: HORTA PRÁTICA	6º ANO C: FONASPAPER
7º ANO A: PIPOQUEIRA SEM ENERGIA ELÉTRICA	
8º ANO B: POWER BANK MOVIDO A ENERGIA SOLAR	7º ANO C: TESOURA ELÉTRICA
9º ANO B: BONÉ INTELIGENTE	

PROJETO MAKER

por HENRIQUE RAMIREZ





CAMPEONATO INTERSAGRADO

por **VITTORIA ALMEIDA BASTOS**

Escolas da Rede Sagrado participam de competição.

O InterSagrado é um campeonato que junta todas as escolas da Rede Sagrado do Brasil. Neste ano, o evento aconteceu em Vitória, município do Espírito Santo, nos dias 05, 06, 07 e 08 de julho. O InterSagrado tem como objetivo proporcionar aproximação da Rede Sagrado no Brasil. Depois de selecionados, os alunos, que pagam pelos custos da viagem, viajam para que os torneios comecem.

Nos jogos, os atletas participaram de duas modalidades masculinas, futsal e basquete, e duas modalidades femininas, vôlei e handebol, além dos esportes mistos: xadrez, cubo mágico e Fifa. Pagando, os alunos também poderão adquirir os uniformes, que é obrigatório para todos os estudantes. Os treinamentos para o InterSagrado aconteceram às quintas-feiras.

“As minhas expectativas estão altas, os treinos estão acontecendo nas quintas-feiras e eu acho que o evento será muito bom”, afirma Genival, um dos treinadores para o InterSagrado.



para SOPHIA FREITAS,

"macrocosmo" é FUTEBOL.

por **SOFIA ALVES**

VOCÊ REALMENTE SABE SOBRE BRASÍLIA?

O Distrito Federal é uma cidade diferente das outras, inaugurada em 21 de abril de 1960, à meia-noite, sem ainda estar completamente pronta. Nem todos os moradores de Brasília sabem tudo sobre a capital, ela foi a vigésima primeira cidade a ser criada aqui no Brasil. Com pontos turísticos muito diferentes, muitas pessoas gostam de Brasília por sua arquitetura moderna e por ser uma cidade planejada.



O nome Brasília foi escolhido em 1823, muito antes da inauguração da cidade, por José Bonifácio de Andrada. A palavra, em latim, significa Brasil.



Os pontos turísticos mais famosos de Brasília são o Memorial JK, construído para homenagear o 21º presidente do Brasil, Juscelino Kubistchek de Oliveira; a Torre de TV, inaugurada em 1967, com 227 metros de altura; e a Esplanada dos Ministérios, onde estão o Congresso Nacional, os ministérios, a Praça dos Três Poderes e o Palácio do Planalto.



O CIRCO MARINHO E SEUS MITOS REAIS

Os peixes-abutres são uma espécie extremamente comum e disciplinada
Eles acompanham hipnotizados as excentricidades das notícias sagradas
Esses cultuados textos são narrados monotonamente em um irônico circo
Diferentemente dos outros circos, neste as vestes não são alegres e coloridas
Este circo não preza por diversão, e sim pelas tragédias mais comoventes
Seus sarcásticos compositores são os peixes-engravatados-microfonados
Com seus ternos, escondem sua asquerosa podridão para não haver críticas
Com seus microfones, espalham sua imundice disfarçada de novidade

[chocante

O chorume dos extensos mares é visto em pedestal no tal do descomunal

[circo

Um circo mostrado rotineiramente tendo seus fiéis peixes de aquário

[pequeno

Seu cardume de sardinhas se comove a cada nova hedionda apresentação

Destacando seus excêntricos peixes réus com seus estonteantes

[espetáculos

Exaltando as maiores calamidades nas performances dos divinos mundanos

Clamando sempre pelas mínimas demonstrações de “peixanidade” e

[decência

Enquanto os mais trágicos atores-autores profetas do caos são mostrados a

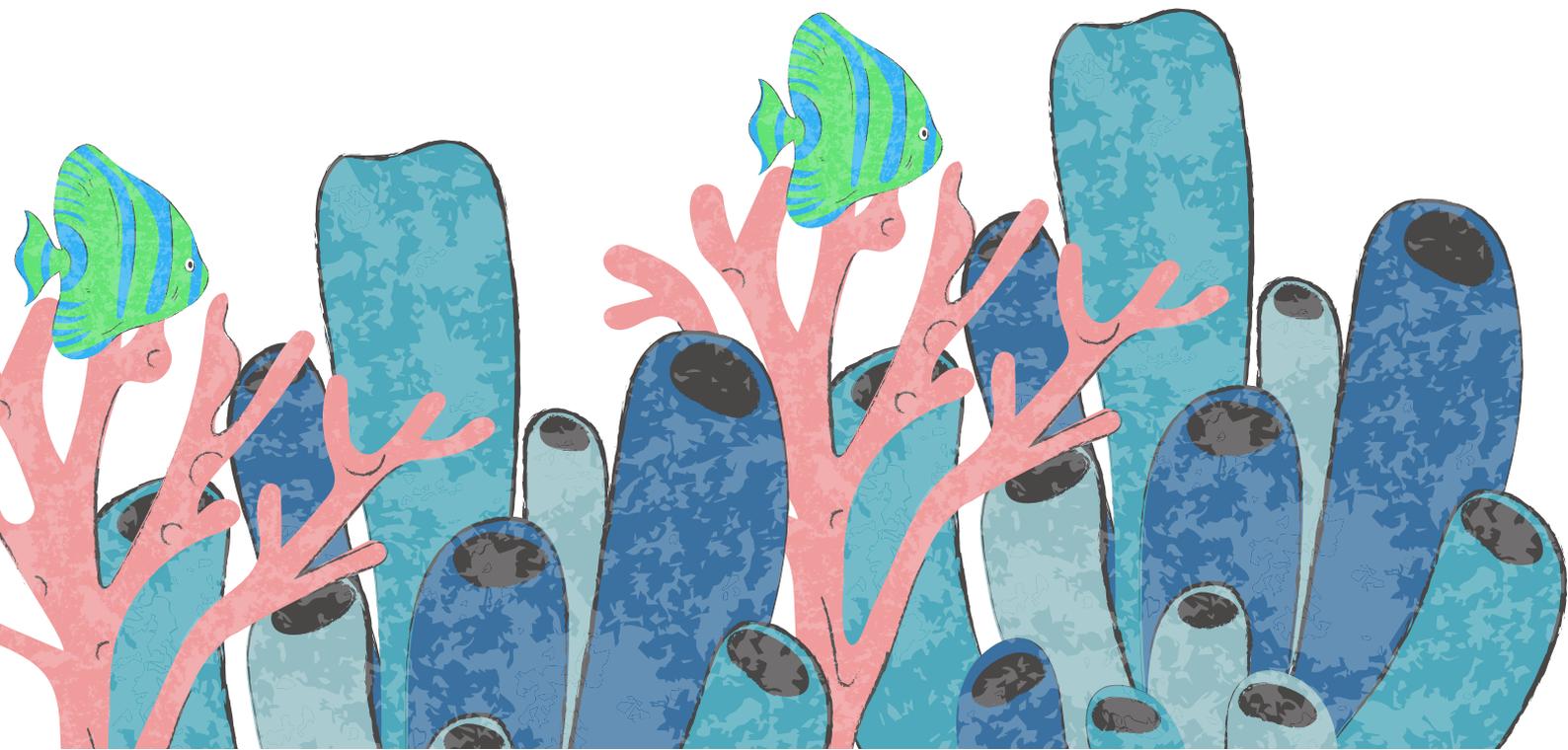
[todos

Esperam após as peças ver a claridade refletir no negrume do oceano

[quadrada



Ao menos serão peixes condenados afamados pelos seus maldosos roteiros
[reais
Por verem o show vidrados, acha-se que os peixes largarão o osso da turnê
Largarão o osso da turnê macabra e inacabável do circo de comuns pânicos
[diários
Mas os incessáveis espectadores adoram assistir às carcaças televisionadas
Nutrir o circo de horrores já se tornou endeusada ração essencial à rotina
Rotina indispensável para os olhos dos sedentos e incansáveis peixes-
[-abutres
Rotina imposta pelos adestradores do coliseu para harmonizar os ouvintes
[diurnais
Rotina que mata às bolhas cintilantes todo o julgamento que outrem possa
[vir a ter
Os animais nem fazem questão de ter algum pensamento crítico sobre algo
Afinal, toda a verdade relevante já lhes foi dita ao passo que ligaram o som
[matinal
Os ditos sagrados não erram, não há de que se preocupar, afirmam certos
Os peixes-abutres apenas acompanham as águas em chamas com olhos
[circenses
Os peixes-abutres apenas aguardam até o dia do circo ter sua lona pegando
[fogo
Queimando cada um que nele está e deixando marcas em cada um que ele
[escuta
Haverá belíssimas manchetes para descrever a queda da soberania!

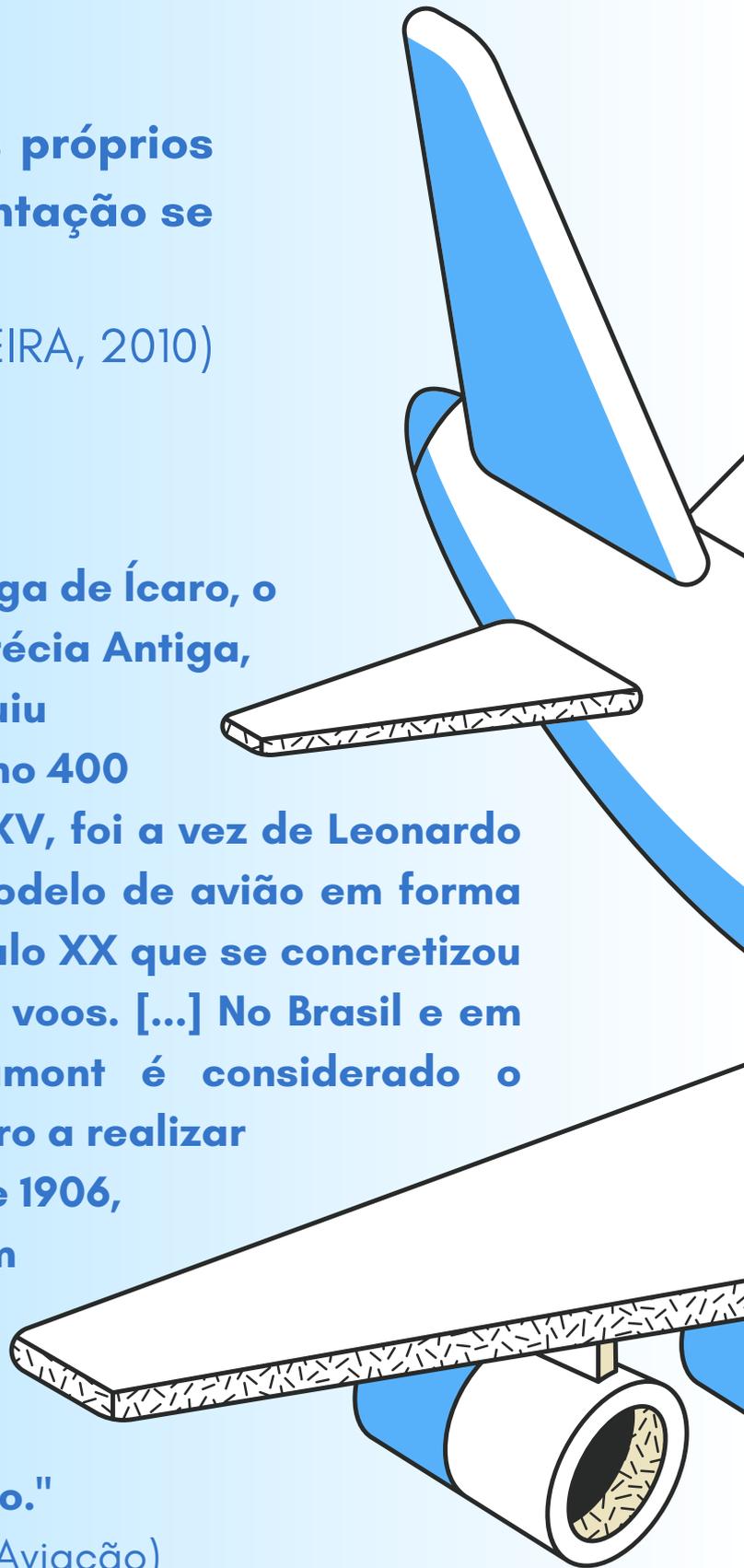


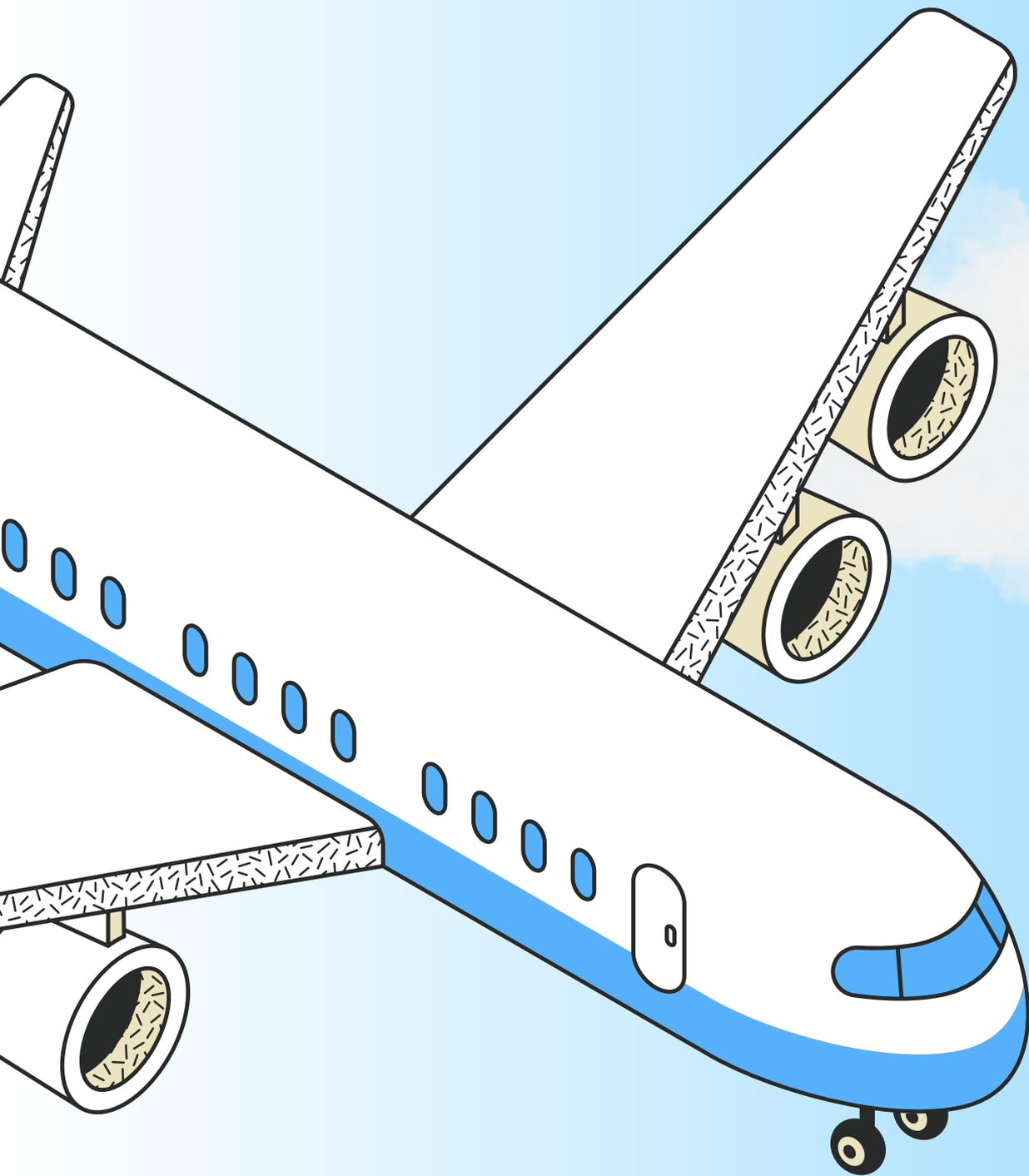
a.vi.ão **Aeródino com meios próprios de locomoção, e cuja sustentação se faz por meio de asas.**

(FERREIRA, 2010)

"De acordo com a lenda grega de Ícaro, o filósofo e matemático da Grécia Antiga, Arquitas de Tarento, construiu uma máquina voadora no ano 400 antes de Cristo. No século XV, foi a vez de Leonardo da Vinci desenvolver um modelo de avião em forma de pássaro. Mas foi no século XX que se concretizou o surgimento dos primeiros voos. [...] No Brasil e em outros países, Santos Dumont é considerado o inventor do avião e o primeiro a realizar um voo. Em 23 de outubro de 1906, Dumont sobrevoou Paris com seu famoso "14 Bis", e tanto a imprensa francesa quanto os moradores da região registraram o acontecimento."

(CEAB Brasil Blog - Escola de Aviação)





HALL DA FAMA

Faltavam mais duas aulas.

Da direita para a esquerda, observei a sala inteira:

Uns dormem, outros anotam, outros estão no celular

Hmm, quer saber?

Vou passear nas redes e ver no que vai dar

De primeira, escolhi logo o coloridinho,

O famosinho do povo: o Instagram!

Aqui é tudo tão assaz, vivaz e feliz!

Há vários sorrisos e poses

É um ótimo lugar, mas...

Ei, espere! Lá no horizonte, consegue ver?

Ah, deixa!

Era mais um "padrãozinho", pensei ter visto algo



Seguindo o passeio

Ah, chegamos: o Tik Tok!

Nossa, aqui é tão agitado e curioso

Tanta música, dança, receitas, tutoriais

Gostei bastante deste lugar

Mas, espere, olhe aquilo!

Desta vez, foi de verdade, você viu?

Aah, isso de novo!

Deve ter sido um vulto, deixa



Recalculando a rota, acho que chegamos

Bom, aqui éééé: o Twitter?

Achei diferente!

Há muitos textos por este lugar

Palavra corre aqui, palavra corre acolá

Aqui o gramatiquês não tem vez



As pessoas dizem um pou...
Não é possível!
O vulto, ele está aqui
Acredite em mim, eu o vi
Será que estou louco?
Enfim, vamos.
Isso deve ser coisa da minha cabeça



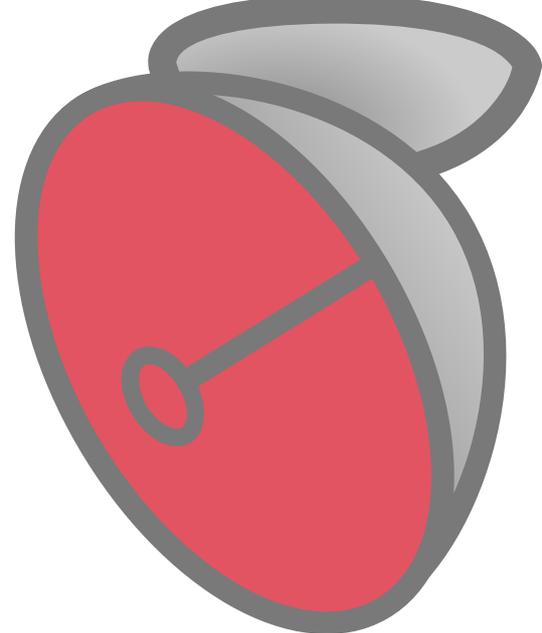
Nossa próxima parada é para aqueles
que são raiz:
Facebook, aí vamos nós!
Ah meu Deus, como pode?
Aqui o público-alvo são as pessoas mais
velhas
Não tem nem o que fa...
Até aqui?
Como pode?
O vulto, eu o vi
Maldito dia, vejo coisas em todo lado

Última parada do dia.
Por fim, o mais conhecido e não menos
importante: o Google!
Aqui é extremamente recheado de novidades
Repleto de notícias, vídeos e informações
O que mais me encanta é...
Ei, espere!
Aquele maldito vulto, não é possível
Você viu?
(Toca o sinal)



por **PAULA ANGELIM**

RADAR INTERNACIONAL



NA FRANÇA, FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS SÃO PROIBIDOS DE TEREM TIKTOK E NETFLIX EM SEUS CELULARES

No dia 24 de março, o governo francês proibiu o uso de aplicativos de lazer como Tik Tok, Netflix e Candy Crush nos celulares de funcionários públicos. De acordo com fontes próximas ao ministro de Administração pública, Stanislas Guerini, aplicativos como estes podem trazer riscos em relação à cibersegurança e à proteção de dados para os agentes públicos. O governo francês não é o único a adotar medidas como essas, governos como Nova Zelândia, Canadá e Holanda tiveram ações semelhantes. Todos com medo de estarem sendo espionados.



A plataforma de vídeos curtos, Tik Tok, se pronunciou afirmando que não tem acesso aos dados pessoais dos usuários, mas a Byte Dance (empresa responsável pela rede social) já havia afirmado que alguns empregados podem ter acesso a alguns dados pessoais.

Contudo, o governo chinês assegurou que não pediria informações a empresas sobre dados obtidos no exterior. Mao Ning, porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, disse em entrevista coleti-

va que o país nunca pediu nem pedirá que pessoas ou empresas coletem ou entreguem informações de países estrangeiros que violem as leis locais.

EGITO PEDE QUE POPULAÇÃO COMA PÉ DE GALINHA

Atualmente o Egito está enfrentando a pior inflação dos últimos cinco anos e uma terrível crise cambial. Essa situação faz com que a população não consiga comprar alimentos básicos, como frango. Procurando ajudar, o governo publicou uma lista com alternativas ricas em nutrientes, porém baratos, como o pé de galinha. O feito irritou os egípcios, já que estes alimentos são sinais de pobreza extrema e por muitos não é nem considerado comida, e sim restos de animais.

O complicado cenário do país é consequência da crise financeira que já está sendo enfrentada há uma década e do ciclo de empréstimos com o FMI (Fundo Monetário Internacional). O empréstimo realizado pelo órgão econômico neste ano foi acompanhado por uma série de condições para tentar melhorar a situação do país. A redução do papel do Estado na economia e uma taxa de câmbio flexível, com o mercado determinando o valor da moeda e não o banco central, são algumas das medidas solicitadas.

PROJETO WILLOW: PETRÓLEO INFLAMA A SOCIEDADE AMERICANA

No dia 13 de março, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, aprovou o Projeto Willow. A iniciativa visa a uma extração intensa de petróleo e gás natural no Alasca, pretendendo produzir até 180 mil barris por dia. A ação tem gerado revolta nos ativistas, já que causará um enorme impacto climático e ambiental.

Segundo pesquisas, daqui a 30 anos, o projeto terá gerado cerca de 239 milhões de toneladas de gases do efeito estufa. Além disso, ele alteraria as relações ecológicas da região, prejudicando a fauna, a flora e os povos nativos. Ambientalistas já enviaram cartas de protesto e vários questionaram as promessas feitas pelo presidente, que afirmava liderar ações de combate às mudanças climáticas.

A multinacional responsável, ConocoPhillips, afirma que a iniciativa irá gerar milhares de empregos, incentivar investimentos locais e também reduziria a dependência norte-americana do petróleo estrangeiro.

Foto: Paul Morig



GAZETACAST



Luísa Sakamoto entrevista a prof.^a Tainã Kairala e a aluna Melissa Guimarães acerca do complexo e desafiador Projeto Willow e as mudanças climáticas.





O PROJETO WILLOW DEIXA O FUTURO EM NOSSAS MÃOS

O PLANETA AINDA TEM SALVAÇÃO?

O Projeto Willow é um assunto polêmico que vem ganhando cada vez mais repercussão ao redor do mundo, especialmente nas redes sociais e entre os jovens. As pessoas começam a se preocupar bastante, afinal, o impacto que esse projeto trará é grande e perigoso para o nosso futuro e ameaça a geração que herdará o debilitado planeta Terra nos próximos anos. Tudo que temos são dúvidas com respostas incertas e a pressão de salvá-lo dos estragos já feitos. Sabendo disso, como mobilizaremos o mundo a fim de evitar uma catástrofe de tamanha proporção como essa e preservar a vida na nossa esfera azul?

A princípio, é essencial que entendamos o que é esse projeto e o que ele promete. Como visto na seção Radar Internacional, o Projeto Willow foi aprovado nos Estados Unidos em março de 2023 e prevê uma intensa exploração no extremo norte do Alasca com o objetivo de extrair petróleo, uma vez que o estado possui uma grande reserva do combustível em seus limites. Segundo o governo estadunidense e a empresa responsável pelo projeto, Conocophillips, a extração permitiria o total de 180 mil barris de petróleo por dia, o que geraria lucro e emprego, mostrando-se algo benéfico à economia do país.

No entanto, a exploração no Alasca trará problemas de grandes proporções para o nosso planeta. Cerca de 280 milhões de toneladas de carbono serão liberadas na atmosfera, o que intensificará o efeito estufa e levará a uma mudança na média térmica. Isso vai de encontro aos planos de campanha do atual governo, que prometia evitar as mudanças climáticas e buscar fontes de energia renováveis e limpas. Ademais, a reserva em questão abriga uma rica biodiversidade e comunidades nativas (indígenas chamados "inuítas"), que serão afetadas e prejudicadas com as instalações petrolíferas na região.

Se analisarmos bem, a situação é mais complexa e vai além dos proble-

mas ambientais: trata-se de dinheiro, sobretudo em um cenário de competitividade entre potências. Os Estados Unidos sentem a necessidade de gerar lucro rápido e de se manterem como a maior potência mundial, por isso, projetos como esse, que promovem a exploração de petróleo, uma das atividades mais lucrativas no mercado internacional, são valorizados pelo governo estadunidense. Além disso, a guerra da Rússia contra a Ucrânia alimentou essa necessidade, uma vez que o mundo não está comprando petróleo diretamente da Rússia, uma das maiores produtoras da matéria-prima. Mas é importante ressaltar que dinheiro e poder seriam benefícios a curto prazo, ou seja, não estamos pensando nas catástrofes ambientais que o mundo poderá sofrer mais adiante. Será que uma economia altamente desenvolvida é melhor do que uma natureza equilibrada ou até mesmo melhor que o futuro dos nossos filhos?

Como se trata de lucro, as chances de desistência do projeto são nulas. Mesmo com o alcance que a luta contra a exploração no Alasca tomou, não é algo que está sob o nosso controle; o dinheiro consegue falar mais alto do que a natureza. Em entrevista ao Gazetacast, a professora de geografia do Ensino Fundamental - Anos Finais, Taynã Kairala, diz: “O projeto Willow é uma realidade, ele está aprovado e vai acontecer e não há qualquer chance de desistência”.

Felizmente, com pequenos hábitos, conscientização e espalhando informações verdadeiras, o planeta ainda apresenta salvação. Além do mais, os jovens se mostram determinados a salvar a nossa casa comum: “Embora seja um desafio enorme, temos uma oportunidade única de fazer a diferença e construir um futuro sustentável. Se nos unirmos e trabalharmos juntos, podemos fazer grandes mudanças e garantir que as gerações futuras herdem um futuro melhor.”, diz a aluna Melissa Guimarães, do 9º Ano ‘B’.” É uma responsabilidade imensa, mas também é uma grande oportunidade.”, finaliza a estudante.

Por hora, é difícil dizer se conseguiremos salvar o planeta efetivamente, ainda mais com tantas notícias ruins a respeito do meio ambiente que nos rodeiam, entretanto, restam esperança e determinação. Não somos capazes de parar o Projeto Willow, mas podemos fazer a diferença positivamente, afinal, se o futuro realmente está em nossas mãos, esperamos moldá-lo da forma que queremos: sustentável e cheio de oportunidades.

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL



A aluna Giovanna Gomes, do 7º Ano C, inspirou-se em um livro de Machado de Assis para criar uma notícia. A obra “Dom Casmurro” (1899) tem uma história de romance com muitos obstáculos, promessas e briga entre a família. A proposta textual consistiu na escrita de um texto baseado em um livro que o estudante, então, tenha lido.

BENTO ACUSA CAPITU DE TRÁI-LO COM SEU MELHOR AMIGO

Depois de Ezequiel, filho de Capitu e Bentinho, nascer, o pai percebe que o primogênito é igual ao seu falecido amigo, Ezequiel Escobar.

O filho de Bentinho e Capitu foi batizado em homenagem ao antigo amigo de seus pais. Tanto no jeito quanto na aparência, o menino é idêntico a Ezequiel de Souza Escobar, que morreu afogado em 1871. Testemunhas afirmam que, após Bentinho confrontar Capitu em busca de respostas sobre a semelhança de seu filho com seu amigo, ela negou até o fim. Entretanto, isso não foi o suficiente para que o marido acreditasse.

Bentinho afirma que sua desconfiança começou a partir dos olhos, mas foi só questão de tempo para ele perceber que os gestos, o corpo e o cabelo também lembravam Escobar. Depois de várias brigas entre o casal, eles resolveram colocar o filho em um colégio interno e se divorciar de uma vez por todas.

Os moradores da região não sabem se Capitu traiu realmente Bentinho. Alguns dizem que não e ressaltam que ele sempre foi um homem muito ciumento, inseguro e desconfiado. Já outros dizem que ela o traiu e que a prova está na aparência de seu filho, idêntica à de Escobar. O mistério, então, permanece vivo até hoje.

GRAMACOSMO

UMA RELEITURA DE OSWALD DE ANDRADE

PRONOMINAIS

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom
branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

GRAMACOSMO

Dê-me um tempo
Diz a gramática
Do professor e do MEC
E do aluno inteligente
Mas o jovem brasileiro
Que estuda e trabalha o dia inteiro
Levanta e diz
Mano, larga de ser chato
Me dá um tempo!

DICAS CULTURAIS

LITERATURA

O MENINO DO DEDO VERDE

O livro *O menino do dedo verde* conta a história de um garotinho chamado João, mas todos o chamavam de Tistu. Após tentativas malsucedidas de ter aulas em escolas, descobriu com seu professor de jardinagem que tudo que o seu polegar tocava fazia brotar plantas de todas as espécies, tipos e tamanhos que ele quisesse.

Maurice Druon foi quem escreveu a obra original. Na versão brasileira, *Tistou les pouces verts* recebeu a longa tradução de D. Marcos Barbosa, teve as detalhadas ilustrações feitas por Walter Lara e foi publicada pela editora José Olympio, na edição do livro mais conhecida e procurada.

Esse enredo é bem interessante porque possui vários acontecimentos surpreendentes e também faz menções a fatos relevantes em nossa sociedade atual, deixando o livro bem divertido e educativo mesmo tratando de coisas sérias. Devido a essas características, a obra se tornou bastante conhecida. Eu recomendo esse conto a estudantes e adultos que gostem de histórias que tratam de cidadania e ecologia ou livros de ficção.



A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS

O livro *A volta ao mundo em 80 dias* conta a história de um senhor inglês chamado Fíleas Fogg, que, em uma aposta com seus colegas, colocou em jogo 20.000 libras na defesa de que ele conseguiria dar uma volta ao redor do mundo em 80 dias e estaria no mesmo local da aposta no dia 21 de dezembro de 1872, às 20h45, porém esse trato coincidiu com um roubo de uma quantia equivalente a 55.000 libras, que estava em um banco.

Júlio Verne foi o escritor da obra originalmente chamada *Le Tour du monde en 80 jours*. A versão em análise recebeu a incrível tradução e a adaptação feita por Paulo Mendes Campos, teve a curiosa ilustração feita por Luiz Guilherme Modelo Carvalho e a capa colorida foi feita por Andreia Vilela; a obra é publicada pela Editora Nova Fronteira Participações S. A.

O enredo é bem interessante por tratar de reviravoltas, acasos inesperados e possíveis pistas que indicam que Fogg seja ou não o ladrão, gerando dúvidas sobre o resultado da aposta. O livro ficou tão surpreendente a ponto de editoras diferentes publicarem essa mesma obra. A fama dessa história foi gerada pelo tema, que, para a época, era algo extraordinário para se tratar em um conto. Eu recomendo essa ficção a pessoas maiores de dez anos de idade que gostem de livros sobre viagens, apostas e culturas diversificadas, com um toque de suspense.



O LUGAR

INDICAÇÃO DA PROF.ª BRENDA VALADÃO

Para a edição que trabalha o conceito de macrocosmo, a sugestão de leitura veio com facilidade e muita certeza de que agradará à maioria das pessoas: *O lugar*, de Annie Ernaux. A francesa, vencedora do prêmio Nobel de Literatura em 2022, inovou com sua escrita – sendo o novo gênero denominado autossociobiografia –, a qual consegue nos emocionar com a história de sua vida, ao mesmo tempo que retrata, com leveza, o contexto social do momento narrado.

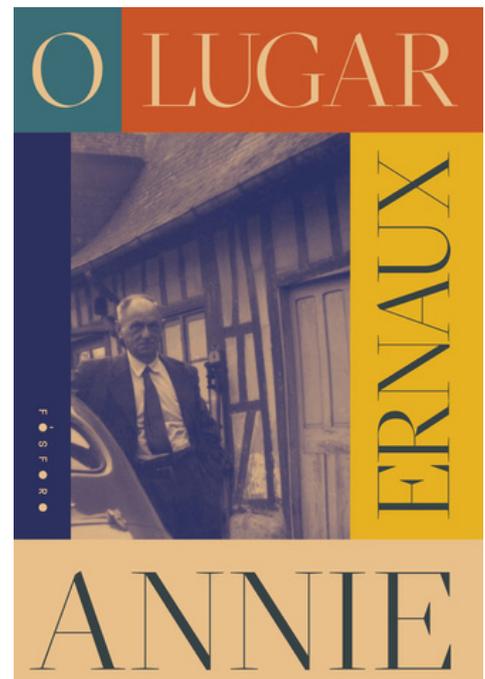
Dessa forma, há a autobiografia com o distanciamento preciso para que entendamos algumas atitudes e ações vividas pelos seus familiares e pela própria autora. O resultado é um clássico moderno profundamente humano e original.

O leitor, segundo Ernaux, deve começar a lê-la pela obra *O lugar*, uma vez que, nesse enredo, ela se debruça sobre a vida do pai, para analisar relações familiares e de classe, num híbrido entre história pessoal e sociologia. Outros quatro títulos se seguem a esse primeiro, sequenciando as fases de vida da escritora.

Por ser um livro relativamente curto (apenas 72 páginas são suficientes para se apaixonar pela sua construção literária), é uma ótima opção para quem está vivendo a chamada “ressaca literária”*, para quem está querendo iniciar a leitura de obras clássicas ou para quem ama uma dose grande de realidade na literatura. A todos os outros devo avisar que vale a experiência.

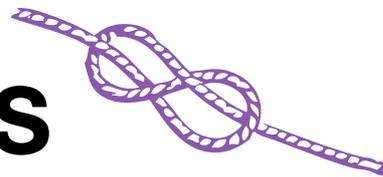
A recomendação (minha, e não da editora) é para 16+ anos, devido, principalmente, à linguagem densa e ao tema, que pode não ser atrativo para os mais novos.

***Ressaca literária:** expressão utilizada para especificar o período em que não há vontade de iniciar ou continuar uma leitura.



“Sempre que me falavam de meu avô, começavam dizendo que ele ‘não sabia ler nem escrever’, como se sua vida e sua personalidade não pudessem ser compreendidas sem esta informação básica.”

LAÇOS



Todos os anos, a cada edição, torna-se mais fácil dispensar elogios à equipe Gazeta. As relações vão se estreitando; e os integrantes vão se lapidando e, conseqüentemente, melhorando. Aqueles que iniciaram há um ou dois anos, por exemplo, estão mais seguros e assertivos em suas produções. Eu continuo sendo extremamente feliz por coordenar a equipe que tanto tem a dizer ao mundo. Falem alto, gritem mesmo, porque a voz de vocês, com certeza, tem o poder de mudar o mundo, nossos próprios mundos. Parabéns, mais uma vez, a todos que contribuem com este jornal!

